

O CORTIÇO: HIGIENIZAÇÃO DE CASAS E FORMAÇÃO DE ALMAS

*Daniela Soares dos Santos**

RESUMO: o objetivo deste artigo é discutir a busca da construção da identidade nacional, no Rio de Janeiro, em fins do século XIX, a partir da análise das idéias de higiene e habitação popular, bem como sua inter-relação expressas na obra *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo. É significativa a análise da obra mencionada, uma vez que o autor utiliza-se do romance para discutir esse “projeto nacional”, sendo expressão deste aspecto, inclusive, o próprio título da referida obra e a forma como descreve seus personagens: seres impulsivos, movidos pelo instinto, em oposição à racionalidade e cientificidade buscadas no período.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro. Século XIX. História. Literatura.

ABSTRACT: the objective of this article is to discuss the search of the building of the national identity, in Rio de Janeiro, in the ends of the nineteenth century, from the analysis of the ideas of hygiene of popular residence, as well as the relation between them, expressed in *O Cortiço* (1890), Aluísio Azevedo. The analysis of the mentioned work is meaningful, once the author uses the novel to discuss this “national project”, being expression of this aspect, including the own title of the related work and the form how it describes its characters: impulsive beings, moved by instinct, against the rationalism and scientificity searched in the period.

KEYWORDS: Rio de Janeiro. Nineteenth century. History. Literature.

* Licenciada e bacharel em História pela Universidade Federal de Viçosa. Mestranda em História Social da Ciência pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Em *A História Contada* Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso de Miranda Pereira se propõe a refletir sobre a literatura na perspectiva da história social, “desnudando o rei” e tratando-a como testemunho histórico dos conflitos de sua contemporaneidade.¹ Para tanto, os autores consideram ser necessárias certas “táticas”: em primeiro lugar, “[...] buscar a lógica social do texto”², ou seja, desvendar o que os autores testemunham sem ter tido a intenção de fazê-lo e, em segundo lugar, ponderar as características específicas desta fonte (tipo de literatura, características, concepções do autor/escola de pensamento). Dessa forma, acredita-se ser possível identificar “literatura e literatos como sujeitos e personagens das histórias que contam.”³

Nesta obra, chama-se atenção para a superação do uso da literatura como arte em si e propõe-se sua criação dentro de um processo condicionado pelo meio social — estando ou não o escritor ciente deste “limite”, como afirmou Roberto Schwarz.⁴ Ao mesmo tempo, leva-se em consideração as especificidades deste tipo de documento e encara-se os literatos não apenas como sujeitos, mas também como personagens de suas histórias, corrigindo a limitação do trabalho de Sevcenko.⁵

Acreditando os “textos literários” como expressão do meio social que os originou, pretende-se, neste trabalho, utilizar a metodologia empregada pelos autores supracitados ao trabalharem com história e literatura, além de considerar a última enquanto produção cultural social e geograficamente determinada, consti-

¹ CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda (Org.). *A História Contada*. Capítulos de História Social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

² *Ibidem*, p. 8

³ *Ibidem*.

⁴ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. Forma Literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 4 ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992. 24 p.

⁵ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

tuindo-se, dessa forma, em expoente dos valores, temas, motivos e revoltas de sua sociedade.

O Cortiço como personagem

[...] como se todo o seu ideal fosse conservar inalterável para sempre o verdadeiro tipo de estalagem fluminense, a legítima, a legendária; aquela em que há um samba e um rolo por noite; aquela em que se matam homens sem a polícia descobrir os assassinos; viveiro de larvas sensuais em que irmãos dormem misturados com irmãs na mesma lama; paraíso de vermes; brejo de lodo quente e fumegante, donde brota a vida brutalmente, como de uma podridão.⁶

O enredo de *O Cortiço* passa-se no cenário do Rio de Janeiro. Mas ao contrário do que ocorre em outras obras de Aluísio Azevedo, não há neste romance uma descrição apenas da aristocracia, mas do povo como personagem. Os cortiços, habitação da maior parte do operariado carioca em fins do século XIX, constituíam-se em um fenômeno social que preocupava seus contemporâneos, indo de encontro a seus planos “modernizantes.”

A escolha deste microcosmo social deve-se não apenas às facilidades que apresentava à experimentação — parte do método de trabalho de Azevedo. Este “universo” sintetizava as mudanças ocorridas nos últimos anos do século XIX no Rio de Janeiro. Os cortiços eram resultado direto do desenvolvimento desordenado associado à chegada massiva de migrantes e imigrantes.

Quando de sua primeira estada no Rio de Janeiro, Aluísio Azevedo havia tomado conhecimento desta realidade, sobretudo por meio dos jornais. Para a imprensa e a elite em geral, os cortiços eram apontados como origem de todos os males, sobretudo da febre amarela. As campanhas contra esse tipo de habitação

⁶ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Biblioteca Zero Hora, 1998. 171 p. (Coleção ZH) (1ª edição: 1890).

popular eram comuns e Aluísio Azevedo, naquela época, participou delas como caricaturista no jornal *O Fígaro*. A miséria dos cortiços e a ganância de seus donos não poderiam deixar de impressionar os que chegavam à cidade.

Anos depois, em 1890, Azevedo sintetizaria os cortiços como “paraíso de vermes”, em referência a seu aspecto insalubre e à degradação que supostamente causava a seus habitantes. O cortiço seria descrito como santuário de crimes e promiscuidade, onde “larvas sensuais” se multiplicam em meio à lama, fazendo brotar a vida de uma “podridão.” As palavras usadas pelo autor deixam transparecer seu desprezo por esse tipo de habitação popular e sua caracterização como lugar sujo, feio, insalubre, avesso à vida e à civilidade que se queria construir.

Os problemas de distância entre a data na qual o romance foi publicado (1890) e o momento em que a ação teve lugar (entre 1872 e 1880, aproximadamente), segundo Mérian,⁷ não se colocam como um empecilho na leitura da obra. De fato, embora algumas mudanças tenham ocorrido em consequência da abolição e da queda da monarquia, não houve, de imediato, grandes modificações na estrutura econômica e social da cidade do Rio de Janeiro. A maior, talvez, tenha sido com relação aos escravos, que juridicamente livres continuaram economicamente dependentes, ajudando a engrossar o contingente dos cortiços.

Não só os escravos contribuíram para o aumento do número de cortiços: já nas décadas de 1860-70, a população de encortiçados cresceu em uma taxa mais alta que a da população total. Alguns brasileiros regressos da Guerra do Paraguai (1865-1870) mudaram-se para a cidade, onde depararam-se com os velhos problemas de escassez de moradia e altos aluguéis, piorados pela Guerra, e estabeleceram-se nos cortiços.⁸

⁷ MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo, vida e obra: (1857-1913) o verdadeiro Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, Banco Sudameris-Brasil: Brasília: INL, 1988. 557 p.

⁸ HAHNER, June E. *Pobreza e Política: os pobres urbanos no Brasil: 1870-1920*. Trad.: Cecy Ramires Maduro. Brasília: UNB, 1993. 39 p.

Os estrangeiros também predominavam neste tipo de habitação. Só nos bairros mais afastados o número de brasileiros igualava-se ou superava o de imigrantes europeus. Nos cortiços da região central — geralmente os piores — predominavam homens adultos, refletindo a natureza da imigração.⁹ Só entre os brasileiros residentes nos cortiços mais afastados era mais equilibrada a proporção entre os sexos, e mais comum a ocorrência de crianças e casamentos, o que não deixava também de evidenciar a presença de migrantes, que normalmente vinham de outras regiões do país com a família.

A década de 1890, segundo Jaime Larry Benchimol, foi “crítica” do ponto de vista das condições sanitárias. O grande contingente de moradores nos cortiços, aumentado por escravos, desertores da Guerra, migrantes e imigrantes, contribuía para a degradação das condições higiênicas e habitacionais, uma vez que influenciava não só no aumento do número de cortiços mas do número de moradores por quarto ou casa¹⁰.

As epidemias ceifavam milhares de vidas e não só na estação calmosa, como de costume, mas durante todo o ano. Desafiando explicações científicas consagradas, suscitavam divergências entre autoridades e médicos:¹¹ “[...] as epidemias reinavam com intensidade jamais vista e as medidas até então consideradas básicas eram agora taxadas de inúteis ou perniciosas.”¹²

A crise sanitária refletia a violenta deterioração das condições de vida da população pobre do Rio de Janeiro, população continuamente engrossada por novas levas de imigrantes, migrantes e

⁹ HAHNER, June E. *Pobreza e Política: os pobres urbanos no Brasil: 1870-1920*. Trad.: Cecy Ramires Maduro. Brasília: UNB, 1993, p. 40.

¹⁰ BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Hausmann Tropical*. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XIX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992, p. 178. (Coleção Biblioteca Carioca, Volume II).

¹¹ A esse respeito cf. SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da Cura: as diferentes medicinas do Rio de Janeiro Imperial*. Campinas: São Paulo: Unicamp, 2001.

¹² BENCHIMOL, Jaime Larry. op. cit., p. 179.

escravos: “[...] foi o produto do aguçamento das contradições inerentes à transição para o capitalismo, à crescente acumulação e concentração de capital e da força de trabalho no espaço urbano carioca.”¹³

O exemplo mais significativo da intervenção do governo brasileiro na higiene pública no século XIX foi a política de combate às habitações coletivas, iniciada ainda no império. Decididos a eliminar os “miasmas” que julgavam responsáveis pela insalubridade da cidade, denegrindo sua imagem no exterior, as autoridades empreenderam uma verdadeira batalha contra os cortiços e estalagens, contando, para isso, com a ajuda da Academia de Medicina, da Inspetoria de Higiene Pública e da polícia.¹⁴

O aumento populacional associado ao novo surto epidêmico, ocasionou a intensificação da campanha contra os cortiços. Sob pressão da Inspetoria de Higiene, vários foram demolidos — agravando ainda mais a situação habitacional —, inclusive o Cabeça de Porco, o maior deles, que chegou a abrigar cerca de 2000 pessoas¹⁵ e teria servido de inspiração para o romance de Aluísio Azevedo.

Por todas as contradições presentes em seu seio e por significar uma espécie de síntese dos antagonismos da sociedade carioca do fim do século XIX, o cortiço pode, ele mesmo, ser considerado um personagem na obra de Azevedo. No romance, sua descrição é minuciosa: vêmo-lo nascer, crescer e transformar-se em estalagem ao longo da trama. Os personagens, em alguns momentos, perdem sua identidade, sendo descritos como parte da vida comum que tem lugar no Cortiço de São Romão.

Por meio da superposição de imagens, sons e sentidos — próprios do naturalismo — o autor parece dar idéia de que o corti-

¹³ BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Hausmann Tropical*. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XIX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992, p. 178.

¹⁴ ABREU, Maurício de Almeida Abreu. O Espaço de Construção do Espaço suburbano do Rio de Janeiro (1870-1930). *Espaço e Debates*, 21, 1987, p. 36.

¹⁵ *Ibidem*.

ço tem vida própria. Como na passagem: “[...] o vendeiro empurrou a porta do fundo da estalagem, de onde escapou, como de uma panela fervendo que se destampa, uma baforada quente, vozeria tresandante à fermentação de suores e roupa ensaboada, secando ao sol.”¹⁶ Este fluxo de sensações, cheiros e ruídos parece pretender invadir o leitor, em um esquema muito próximo ao teatro. Mas não são os personagens que norteiam a cena, é o próprio cortiço que parece ter vida: “Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.”¹⁷

A escolha do cortiço como ambiente principal da trama e personagem central, é significativa do momento de produção da obra. Publicado em 13 de maio de 1890 tinha por principal “missão” retratar os costumes, a insalubridade e a promiscuidade que tinham lugar em seu interior, persistindo em permanecer apesar da abolição e Proclamação da República. O próprio suicídio da escrava Bertoleza, coincidente com a entrega do título de benfeitor do abolicionismo a João Romão é uma crítica contundente aos “abolicionistas de última hora.”¹⁸

O fato é que, apesar da campanha contra os cortiços — e habitações populares em geral —, a forma urbana da cidade permaneceu praticamente inalterada até 1890. A turbulenta conjuntura política e econômica inviabilizava qualquer projeto de renovação urbana, uma vez que era preciso credibilidade para atrair investimentos externos — façanha que só seria alcançada anos mais tarde, com a retomada do poder pela oligarquia cafeeira.

As contradições apontadas pelos intelectuais como causadoras dos males do país — escravidão e monarquia — permaneciam por meio de suas heranças: uma cidade com altos índices demográficos que tendiam a equiparar-se aos de mortalidade devido às epide-

¹⁶ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Biblioteca Zero Hora, 1998, p. 44.

¹⁷ *Ibidem*, p. 30.

¹⁸ MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo, vida e obra: (1857-1913) o verdadeiro Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, Banco Sudameris-Brasil: Brasília: INL, 1988, p. 578.

mias, um desenho urbano remanescente da colônia e que não mais atendia às necessidades de escoamento da nova economia, um vasto contingente de trabalhadores livres e desqualificados.

As “propostas” para resolução destas contradições vinham de amplos setores da sociedade. Apesar das divergências, todas apontavam para a necessidade de intervenção sobre o ambiente natural e construído, e até mesmo sobre as práticas dos cidadãos: drenar pântanos, nivelar morros e formar almas: eis a solução. No entanto, as propostas esbarravam na já referida ausência de capitais e determinação política.

Na impossibilidade de efetivação da reforma urbana desejada, um bom início era a “formação de almas.”¹⁹ Construir um ideal de nação significativo para a maior parte da população, a fim de conferir unidade ao país e legitimidade a seus atos, era o novo desafio da elite brasileira. Nesse sentido, as tentativas de modernização da cidade do Rio de Janeiro em fins do século XIX devem ser entendidas não só pela materialidade das reformas, mas também por meio da construção de uma nova imagem para a cidade, que atraísse imigrantes, capitais e turistas, e sobretudo que fizesse juz ao recém conquistado título de Capital da República.

Enquanto intelectual engajado, crente — como seus pares — de sua condição de portador dos códigos de acesso para “formação das almas”, Aluísio Azevedo toma para si a responsabilidade de educar a pátria em seus usos e costumes, que estuda minuciosamente e dá vida através de seus personagens, sendo alguns deles, como já mencionado, formas físicas constitutivas da cidade a ser reformada e educada, como os cortiços e pensões.

O *Cortiço* é parte de um amplo projeto de descrição da sociedade brasileira. Logo após a publicação de *Casa de Pensão*,²⁰ o autor apresentou em um número da revista carioca *A Semana*, de outubro de 1885, um esboço de seu projeto intitulado “Brasileiros antigos

¹⁹ CARVALHO, José Murilo de. *A Formação as Almas*. O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, *passim*.

²⁰ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. 12 ed. São Paulo: Ática, 1999. (1ª edição 1884).

e modernos”: a obra — ou retrato — a ser publicada em cinco romances, abarcaria a sociedade desde o Império até sua ruína — que Azevedo julgava próxima, e teria os seguintes títulos: *O Cortiço*, *A Família Brasileira*, *O Felizardo*, *A Loreira*, *A Bola Preta*.²¹

O ambicioso projeto não chegou a se concretizar, embora o autor tenha trabalhado coletando informações e documentos para sua efetivação. Mas em *O Cortiço* podemos perceber alguns personagens que comporiam a trama, que teria por fundo uma descrição, em perspectiva mais sistemática, dos motivos da degradação da sociedade imperial — sendo a busca das origens outra característica do naturalismo determinista da época. Além disso, o título apontado pelo autor, para a coletânea, merece especial atenção.

“Brasileiros antigos e modernos” é uma clara alusão ao projeto político e social do autor para o país. A crítica à sociedade imperial e o apontamento dos motivos de sua ruína são parte do processo de “convencimento” da sociedade em suposta degenerescência. Se tomarmos o sentido estrito do termo,²² teremos a real idéia das concepções “científicas” de sociedade àquela época: um corpo organizado, onde cada membro desempenha uma função para o bom funcionamento geral.

O uso dos termos “antigos” e “modernos” também é revelador do imaginário nacional em gestação: a associação da cidade antiga com o atraso e a ruína do Império e da escravidão a serem substituídos pela modernidade da República reformada física e moralmente, ou seja, civilizada. Este pensamento nortearia as empreitadas de desmantelamento do “velho” em todas as suas expressões — e principalmente no que tangia à higiene e habitação popular — e estabelecimento do “novo”. “Novo” este que apontava para os usos, costumes e imagens da Europa.

²¹ MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo, vida e obra: (1857-1913) o verdadeiro Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, Banco Sudameris-Brasil: Brasília: INL, 1988, p. 549.

²² Degenerescência: alteração dos caracteres dum corpo organizado. FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. 153 p.

Um retrato dos vícios humanos

Em sua “odisséia” por fazer prevalecer a *República* sobre as *repúblicas*, por meio da estratégia inicial de modificação de usos e costumes, Aluísio Azevedo utilizou suas obras como veículos de divulgação do que se queria combater: a exemplo, as habitações coletivas e a promiscuidade, desonestidade, o arrivismo social e a insalubridade a elas supostamente inerentes.

Nesse sentido, é significativa a descrição das trajetórias opostas dos imigrantes portugueses João Romão — o dono do cortiço — e Jerônimo — trabalhador da pedreira —, à medida em que convivem com a população domiciliada no Cortiço de São Romão. A ascensão do vendeiro e aspirante a barão João Romão é uma das linhas de força do romance. Quando chegou ao Brasil, aos doze anos, o sistema econômico engendrado pelos portugueses fornecia um quadro propício aos lusitanos no país. Inicialmente trabalhando como empregado em uma casa comercial, João Romão sucede seu patrão após sua morte.

A ambição e avareza do jovem comerciante associadas à exploração da escrava Bertoleza, permitirão àquele uma rápida ascensão social. O comerciante, aproveitando-se do amor da escrava e de seus “instintos” de “melhora” genética por meio do “branqueamento”, assegura sua escalada social através da ajuda incondicional da negra:

Ele propôs-lhe morarem juntos, e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua.²³

Embora esse seja o único trecho em que o autor sugere a eugenia como forma de “melhorar” a população brasileira, esse é significativo, uma vez que o autor não mede palavras: caracteriza os negros como raça inferior e os iguala a animais, guiados não

²³ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Biblioteca Zero Hora, 1998, p. 14.

pela razão ou pelo amor, mas por instinto, na escolha de seus parceiros. Além disso, sugere que a origem do preconceito racial partiria dos próprios negros, que se negavam a reproduzir-se entre eles, procurando “uma raça superior à sua.”

Bertoleza, que tinha sua dominação sustentada por uma carta de alforria forjada por João Romão, fornece ao amigo todas as economias de que dispunha, com as quais ele compra um terreno ao lado da venda e constrói uma quitanda e uma casinha que mobília com os “cacarecos” da escrava:

Havia, além da cama, uma cômoda de jacarandá muito velha com maçanetas de metal amarelo já mareadas, um oratório cheio de santos e forrado de papel de cor, um baú grande de couro cru tachado, dois banquinhos de pau feitos de uma só peça e um formidável cabide de pregar na parede, com a sua competente cobertura de retalhos de chita. O vendeiro nunca tivera tanta mobília.²⁴

A descrição do autor sobre a moradia popular coincide com a maioria dos relatos e fotografias da época: o baú de couro era parte indispensável a esses quartos. A religiosidade exacerbada, retratada por meio da presença do oratório, de santos e papel colorido, também era uma constante entre as camadas mais pobres da população, dividida entre a religiosidade popular e a “oficial.”

Ao lado de João Romão a escrava Bertoleza passou a exercer o papel de caixeiro, criada e amante. Durante o dia lidava em sua quitanda e, durante a noite, trabalhava na venda, “[...] e o demônio da mulher ainda arrumava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa de seu homem [...]”.²⁵ Aluísio Azevedo segue descrevendo as verdadeiras proezas de economia feitas pelos dois parceiros e a forma como todo o dinheiro era economizado, indo direto, todo mês, para a Caixa Econômica, permitindo que, ao fim

²⁴ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Biblioteca Zero Hora, 1998. 171 p. (Coleção ZH) (1ª edição: 1890).

²⁵ *Ibidem*, p. 15.

de um ano, o comerciante pudesse adquirir algumas braças de terra ao fundo da taverna, dando início à construção de sua estalagem:

Que milagres de esperteza e de economia não realizou ele nessa construção! Servia de pedreiro, amassava e carregava barro, quebrava pedra; pedra, que o velhaco, fora d'horas, junto com a amiga, furtavam à pedreira do fundo, da mesma forma que subtraíam o material das casas em obra que havia por ali perto. [...] e o fato é que aquelas três casinhas, tão engenhosamente construídas, foram ponto de partida do grande cortiço de São Romão. Hoje quatro braças, amanhã seis, depois mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia pelos fundos da sua bodega; e, à proporção que o conquistava, reproduziam-se os quartos e o número de moradores. [...] sempre em mangas de camisa, sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorar-se do alheio, deixando de pagar e nunca deixando de receber, enganando os fregueses, roubando nos pesos e medidas [...] João Romão veio afinal a comprar uma boa parte da bela pedreira [...].²⁶

Embora um tanto longo, este fragmento revela o surgimento de um cortiço, as condições de sua construção e a ausência de caráter de seu dono, o que também deixa transparecer o sentimento anti-português então em voga. O autor descreve em minúcias a forma como o vendeiro persuadia a escrava Bertoleza, tornando-a sua cúmplice nos pequenos furtos de tijolo, cal e cimento realizados nas construções da vizinhança, dos quais nem mesmo as ferramentas dos pedreiros escapavam.

O furto de materiais sugere ainda a precariedade destas construções, também explicitada por um observador do período:

[...] as estalagens antigas têm um aspecto mais primitivo, mais gro-

²⁶ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Biblioteca Zero Hora, 1998, p. 15-16. (Coleção ZH) (1ª edição: 1890).

tesco, mais mal acabado. São ligeiras construções de madeira, que o tempo consolidou pelos concertos clandestinos, atravancadas nos fundos de prédios, tendo um segundo pavimento acaçapado como o primeiro e ao qual se ascende dificilmente por escadas íngremes, circundado também por varandinhas de gosto esquisito e textura ruínoza. Isto que aí fica resumido é o cortiço, cujo interior a pena naturalista de Aluísio Azevedo deixou para sempre gravada com seu majestoso traço pictural.²⁷

A ausência de acabamento, a desconjuntura de cômodos e áreas externas, a aparência ruínoza presentes na descrição de Backeuser sobre os cortiços deixa transparecer a veracidade da obra de Azevedo, que aquele descreve como um “desenho” da realidade, sobretudo no que diz respeito ao interior destas moradias, ou seja, a seus moradores e hábitos. Delineava-se o projeto tomado para si, pelo autor, de “formação das almas” por meio do combate aos costumes recorrentes entre a população domiciliada nos cortiços.

A aquisição dos terrenos e de parte da pedreira às custas de trapanças, roubos e privações revela a crítica ao arrivismo social a qualquer preço, principalmente por parte dos imigrantes portugueses. A ausência de caráter, a desonestidade do vendeiro e a exploração da escrava põem à mostra os determinismos do sistema econômico e a doença moral — já denunciada em *Casa de Penção* — da sociedade carioca, regida pelo dinheiro. A dependência da escrava e dos empregados da venda e da pedreira, quase todos também inquilinos do cortiço, revelam a moral de uma sociedade na qual prevalece a lei do mais forte e hábil, embora nem sempre mais qualificado.

Apesar da sagacidade do português, o dinheiro conseguido por João Romão com sua estalagem — que chegou a comportar 95 casas —, no entanto, não lhe fornecia prestígio à altura. Invejava seu vizinho Miranda, recém nomeado barão, e planejava o re-

²⁷ BACKEUSER. *Renascença*, p. 110 apud BENCHIMOL, Jaime Larry. 1992, loc. cit.

conhecimento social por meio do casamento com a filha deste, Zulmira.

Neste trecho, a exemplo do que faz em *Casa de Pensão*²⁸ e *Livro de uma Sogra*²⁹, Aluísio Azevedo critica a compra de títulos e os casamentos por conveniência. Este último é exemplificado não só pelo casamento arranjado entre Zulmira e João Romão, mas também pelo de aparências, entre os pais daquela:

[...] Ainda antes de terminar o segundo ano de matrimônio, o Miranda pilhou-a em flagrante delito de adultério; ficou furioso e seu primeiro impulso foi de mandá-la ao diabo junto com seu cúmplice; mas sua casa comercial garantia-se com o dote que ela trouxera [...]. Além disso, um rompimento brusco seria obra para escândalo, e, segundo a sua opinião qualquer escândalo doméstico ficava muito mal a um negociante de certa ordem. Prezava, acima de tudo, sua posição social [...]. Acovardado defronte deste raciocínio, contentou-se com uma simples separação de leitos, e os dois passaram a dormir em quartos separados. [...] Odiavam-se. Cada qual sentia pelo outro um profundo desprezo, que pouco a pouco se foi transformando em repugnância completa.³⁰

A crítica ao casamento — e à Igreja — que só aparece superficialmente em *Casa de Pensão* e *O Cortiço* a fim de traçar um quadro dos costumes da sociedade carioca, será tema central, como já foi dito, de *O livro de uma sogra*.³¹ O alvo das críticas do autor não é o casamento em si, mas as armações por traz deste: a conveniência, a ascendência social, a caça de dotes, os adultérios — frutos, quase sempre, da infelicidade ocasionada por esses “arranjos” matrimoniais — e a conivência da Igreja, que a despeito de todas estas evidências, pregava o “até que a morte os separe.”

²⁸ AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. op. cit. passim.

²⁹ Id. *Livro de uma Sogra*. São Paulo: Martins, 1959. passim.

³⁰ Id. Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Biblioteca Zero Hora, 1998, p. 16.

³¹ Id. *O Livro de uma Sogra*. São Paulo: Martins Editora, 1959 (Obras Completas de Aluísio Azevedo).

O objetivo que norteia a construção dos personagens Miranda e João Romão é traçar um quadro dos mecanismos sócio-econômicos que transformam os portugueses ambiciosos e inescrupulosos em donos do comércio brasileiro. O autor busca demonstrar a influência do meio sobre o homem a fim de justificar seus projetos de extinção do velho e construção do novo, do moderno, do cosmopolita, mais adequado à capital da República, no qual não há lugar para compra de títulos, para uma aristocracia comercial cuja origem duvidosa era esquecida graças ao poder do dinheiro.

A trajetória oposta à de João Romão — a do imigrante Jerônimo — retrata a crítica de Azevedo à influência do convívio nos cortiços sobre o caráter de seus moradores: o português honesto e virtuoso que veio, com a mulher e a filha, tentar a vida no Brasil, é seduzido/corrompido pela atmosfera carioca:

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seu hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abraçou-se. A sua casa perdeu aquele ar sombrio e concentrado que a entristecia; já apareciam por lá alguns companheiros de estalagem para dar dois dedos de palestra das horas de descanso, e aos domingos, reunia-se gente para o jantar. A revolução afinal foi completa: a aguardente de cana substituiu o vinho; a farinha de mandioca sucedeu à broa; a carne-seca e o feijão-preto ao bacalhau com batatas e cebolas cozidas, a pimenta-malagueta, e a pimenta-de-cheiro invadiram vitoriosamente a sua mesa [...] e desde que o café encheu a casa com seu aroma quente, Jerônimo principiou a achar graça no cheiro do fumo e não tardou a fumar também com os amigos.³²

Uma vez mais o determinismo do meio sobre o indivíduo é ressaltado por Aluísio Azevedo. O confronto entre os hábitos, expresso por meio da diferenciação entre as culinárias brasileira e portuguesa, sugere a corrupção do português pelos cheiros, cores,

³² AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Biblioteca Zero Hora, 1998, p. 75.

sabores e modos cariocas. A utilização de condimentos e a adoção do fumo seriam apenas o início da “apimentada” relação de Jerônimo com o país. Relação que terminaria com sua sedução por uma mulata brasileira e o abandono de lar para viver com ela.

O autor sugere que todas as mudanças ocorridas na vida de Jerônimo decorreram de sua convivência com os colegas de trabalho, com o fumo, o café, as rodas de samba e de viola que tinham lugar no interior do cortiço. O próprio clima, o sol escaldante a que ficava exposto na pedreira são apontados como determinantes das mudanças no caráter do português.

Além das referências às trajetórias de João Romão e Jerônimo, outros temas como a promiscuidade e o lesbianismo são apontados como fruto da atmosfera vivida nos cortiços. Além da deterioração moral, a promiscuidade e o lesbianismo também contribuíam para engrossar o contingente de doenças, dada a vida quase comum que se levava em um cortiço.

Na descrição da relação entre Leónine e Pombinha, o tom determinista do naturalismo também prevalece. Poupada pela mãe de todas as tarefas domésticas, acostumada com uma educação que não se equiparava a seu nível de vida, Pombinha, quando adulta, deixaria o marido medíocre para ganhar dinheiro fácil a partir de sua associação com Leónine, a prostituta que tempos antes, a havia violentado:

Por cima das duas passara uma geração inteira de devassos. Pombinha, só com três meses de cama franca, fizera-se tão perita como a outra; a sua infeliz inteligência, nascida e criada no modesto lodo da estalagem, medrou logo admiravelmente forte dos vícios de largo fôlego; fez maravilhas na arte; parecia adivinhar todos os segredos daquela vida; seus lábios não tocavam em ninguém sem tirar sangue; sabia beber, gota a gota, pela boca do homem mais avarento, todo o dinheiro que a vítima pudesse dar de si.³³

O autor segue descrevendo o verdadeiro “talento” de Pom-

³³ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Biblioteca Zero Hora, 1998, p. 171.

binha para a profissão e a forma como sua fortuna era apreciada no cortiço. Durante suas visitas as ruas enchiam-se de gente que a abençoava “[...] com seu estúpido sorriso de pobreza hereditária e humilde.”³⁴ O determinismo do autor que caracteriza a própria condição do pobre como hereditária não pára por aí: sugere a manutenção da condição do cortiço enquanto fornecedor de prostitutas. A filha de Jerônimo, desde que o pai abandonara o lar, era ajudada por Pombinha, que lhe tinha uma especial afeição, semelhante à que Leónine tinha por esta tempos atrás: “[...]A cadeia continuava e continuaria interminavelmente; o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma infeliz mãe ébria”³⁵

O autor parece querer realçar que o destino do pobre era determinado pelo sistema social e econômico no qual vivia, mostrando que o caso de Pombinha não se constituía em uma exceção, mas em regra. Aluísio Azevedo também chama atenção para o fato da decomposição familiar e a vida em comum, levada nos cortiços, fornecerem condições propícias à procura pela prostituição como meio de vida.

O “[...] brotamento da vida como de uma podridão”, mencionado pelo autor, também diz respeito à promiscuidade presente nos cortiços e às altas taxas de natalidade. Os exemplos de promiscuidade são vários no romance, seja sob a forma do adultério, do lesbianismo, da prostituição ou do abuso de menores, como nas passagens:

- Que fez você com esta pequena?
- Não fiz nada, não senhor!....
- Foi ele sim! desmentiu-o Florinda — o caixeiro desviou os olhos para não a encarar — um dia de manhãzinha, às quatro horas, no capinzal, debaixo das mangueiras...³⁶

³⁴ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Biblioteca Zero Hora, 1998, p. 171.

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ *Ibidem*, p. 69.

E Leocádia olhou para os lados, assegurando-se de que estavam a sós [...]. E sacou fora a saia de lã grossa, deixando ver duas pernas que a camisa a custo só cobria até os joelhos, grossas, maciças, de uma brancura levemente rósea e toda marcada por mordeduras de pulgas e mosquitos:

— Avita-te! Anda! Apressou ela, lançando-se de costas no chão e arregaçando a fralda até a cintura; as coxas abertas.³⁷

A referência à violação de uma menina de 14 anos, na primeira passagem, bem como as circunstâncias em que as duas cenas se passam, revela a ausência de cuidado e higiene: em ambas as situações faz-se sexo ao ar livre, em meio ao mato, sob as árvores. A segunda passagem é mais explícita ao destacar as manchas na perna da lavadeira, decorrentes de mordeduras de pulgas e insetos, em uma referência às descobertas científicas sobre os vetores da peste negra e da febre amarela.

O autor sugere que as doenças infecciosas, uma vez contraídas devido a esses “descuidos”, espalhavam-se com facilidade nas habitações coletivas mal cheirosas, mal iluminadas e com altos índices de promiscuidade, nas quais os regulamentos sanitários e de segurança geralmente não eram respeitados. Além disso, a alta natalidade parecia pretender a manutenção do que o autor denominou “pobreza hereditária”:

Augusta ficara com a família numa destas casinhas do segundo andar, à direita; estava grávida outra vez; e à noite via-se o Alexandre, sempre muito circunspecto, a passear ao comprido da varanda, acalentando uma criancinha ao colo, enquanto a mulher dentro de casa cuidava de outras. A filharada crescia-lhes, que metia medo. ‘Era um no papo, outro no saco!’³⁸

A promiscuidade, a alta natalidade, os surtos epidêmicos apon-

³⁷ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Biblioteca Zero Hora, 1998, p. 81.

³⁸ *Ibidem*, p. 156.

tados pelo autor eram utilizados por políticos e intelectuais para justificar suas incursões aos cortiços e o combate às moradias populares. Os “saberes médicos”³⁹, investidos de plenos poderes pelos governantes, ordenou a destruição de vários cortiços, mas a exemplo do que acontecia com as casas de cômodo, a cada estalagem destruída, aumentava-se o número de moradores em outras, que tinham diminuídas suas condições higiênicas e de habitabilidade.

A modernização empreendida pela elite brasileira a fim de tornar a capital da república mais atraente para turistas, imigrantes e investidores, deixou milhares de trabalhadores sem casa e outros tantos em habitações cada vez mais precárias e insalubres. Nestas condições, mais uma vez o sonho de construção de um quadro de vida em moldes europeus viu-se adiado pela ineficiência na “formação das almas”.

No Rio *fin-de-siècle*, um elemento da cidade erguia-se como a síntese de todo o atraso que se tentava, em vão, extinguir e que teimava em “denegrir” a imagem do Brasil e “embaçar” a projeção da elite no espelho: o cortiço. “[...] Um mundo, uma coisa viva”⁴⁰ que serviria de inspiração para a produção do romance de Aluísio Azevedo.

“Como larvas no esterco:” estrutura e multiplicação dos cortiços

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.⁴¹

³⁹ O termo é utilizado no plural uma vez que o confronto entre as práticas de cura e o saber médico estabelecido era uma constante no referido período. Além disso, havia divergência de opiniões entre os próprios profissionais, no que dizia respeito a métodos e diagnósticos.

⁴⁰ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Biblioteca Zero Hora, 1998, p. 22.

⁴¹ *Ibidem*.

Os administradores da corte começaram a notar a existência de cortiços na cidade do Rio de Janeiro, segundo Sidney Chalhoub,⁴² na década de 1850, após uma epidemia de febre amarela, neste ano, e outra de cólera, em 1855. Além de terem contribuído para a elevação das taxas de mortalidade, essas epidemias levantaram uma polêmica em torno das condições sanitárias da cidade, e sobretudo das habitações coletivas: “[...] aí, todos os anos, irrompiam epidemias mais ou menos mortíferas, variando os índices de morbidade e mortalidade conforme a sinergia a um só tempo biológica e social dos viventes que se concatenavam no curso de cada doença.”⁴³

A República instaurada em 1889 alterou a Constituição do Estado, mas não a constituição das cidades. Seguindo a acepção astronômica da palavra, em detrimento da social, a revolução constituiu-se em um movimento circular no plano político, sem grandes modificações na instância social, proporcionando a manutenção, remanejada, dos “donos do poder.”⁴⁴ A abolição da escravidão, por sua vez, havia modificado algumas estruturas, sobretudo no que dizia respeito ao aumento do número de desempregados e encortçados. Os defensores desta bandeira não haviam pensado no destino dos libertos analfabetos, sem qualificação para o trabalho, sem moradia e fonte de renda.

O fato é que consumados dois dos ideais da geração de intelectuais de 1870, pouca coisa havia efetivamente mudado, e algumas estruturas haviam sido deterioradas, tal o caso das habitações populares, agora ainda mais superlotadas e carentes de hi-

⁴² CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 29 p.

⁴³ BENCHIMOL, Jaime Larry. Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida. (Org.) *O Tempo do Liberalismo Excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 237 p. (O Brasil Republicano, 3).

⁴⁴ NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o X”. In: FERREIRA, Jorge.; DELGADO, Lucília de Almeida (Org.) op. cit., p. 26.

giene. Apesar da formação dos bairros, a escassez e altos preços do transporte, os baixos salários, a distância do trabalho, e a ausência de emprego fixo, contribuía para a condensação populacional na área central da cidade, realçando a incompatibilidade entre a antiga estrutura material e as novas relações econômicas da capital republicana.

O romance de Azevedo reforça o argumento do adensamento populacional dos cortiços ser decorrente, em parte, das necessidades de proximidade do trabalho:

Não obstante, as casinhas do cortiço, à proporção que se atamancavam, enchiam-se logo, sem mesmo dar tempo a que as tintas secassem. Havia grande avidez em alugá-las; aquele era o melhor ponto para a gente do trabalho. Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dois passos da obrigação.⁴⁵

A proximidade do trabalho e o custo do aluguel eram, quase sempre, os responsáveis pelo “atamancamento” do pobre urbano em moradias de insalubridade proporcional ao número de habitantes. A caracterização, feita por Aluísio Azevedo, dos cortiços como lugares úmidos, lodosos, quentes e, portanto, propícios à “brotação” de miasmas e doenças era corrente em fins do século XIX. Os higienistas foram os primeiros a formular um discurso sobre as condições de vida no Rio de Janeiro, propondo intervenções para restaurar o equilíbrio do “organismo” urbano. E, entre os fatores condenados, estavam as habitações coletivas — aí incluídos seus habitantes e hábitos.

Os hábitos dos moradores, sua sujeira física e moral, bem como dos gananciosos proprietários, também eram condenados pelos higienistas, mas a estrutura dos cortiços foi alvo das críticas mais contundentes. Essas habitações, caracterizadas como úmidas, sem ar e luz, eram taxadas de fermentadores e putrefatórios, sendo responsabilizadas pela liberação de “nuvens de miasma.”

⁴⁵ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Biblioteca Zero Hora, 1998, p. 21.

O cortiço, descrito por Aluísio Azevedo, é revelador das condições estruturais e higiênicas destas moradias:

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas. [...] Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração ruínosa de machos e fêmeas. [...] O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não molhar [...]. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.⁴⁶

Na sociedade carioca de fins do século XIX, os pântanos, a umidade e as águas paradas eram apontados como “fermentadores” de doenças. A referência à abundância de água, nesta passagem e em outras, no que dizia respeito ao ofício das lavadeiras, sugerem a concordância do autor sobre a qualidade dos cortiços enquanto meio de produção miasmática. O uso de latrinas em comum, as crianças “despachando” a céu aberto e junto às hortas, deixa transparecer a superlotação dos cortiços e a contaminação do solo, propícios ao surgimento de doenças. Além disso, a presença de crianças na cena sugere a perpetuação destes hábitos que não mais convinham à recém criada capital da República.

O enterro de corpos em igrejas, animais mortos atirados à rua, lixos e valas a céu aberto, matadouros, açougues e mercados livres eram outros aspectos da vida urbana condenados pelos higienistas, que os consideravam perigosos tanto para a integridade dos alimentos quanto do próprio ar. A descrição de uma cena do “despertar” do cortiço, de Aluísio Azevedo, nos permite vislumbrar a ausência de regras higiênicas:

⁴⁶ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Biblioteca Zero Hora, 1998, p. 30.

O padeiro entrou na estalagem, com a sua grande cesta à cabeça e o seu banco de pau fechado debaixo do braço, e foi estacionar em meio ao pátio, à espera dos fregueses, pousando a canastra sobre o cavalete que ele armou prontamente. Em breve estava cercado por uma nuvem de gente. [...] Uma vaca, seguida por um bezerro amordaçado, ia, tilintando tristemente o seu chocalho, de porta em porta, guiada por um homem carregado de vasilhame de folha. [...]. E, durante muito tempo, fez-se um vaivém de mercados. Apareceram os tabuleiros de carne fresca e outros de tripas e fatos de boi; só não vinham hortaliças, porque havia muitas hortas no cortiço.⁴⁷

A venda de alimentos ao ar livre, sobretudo carnes e vísceras de animais, permitindo o contato com mosquitos e outros insetos, bem como a venda de leite de porta em porta, com a liberação sendo estimulada pela mamada do bezerro, expunha os moradores dos cortiços a todo tipo de doenças. A passagem também revela algumas profissões do Rio de Janeiro antigo para as quais era necessário o ganho diário, e portanto a proximidade de moradia com o centro.

No entanto, a preocupação das lideranças políticas e dos comerciantes muitas vezes não dizia respeito às condições de salubridade dos cortiços e bem estar dos moradores, mas ao perigo que representavam para a população vizinha. Um relato da Companhia de Saneamento do Rio de Janeiro nos permite visualizar esta questão: “Os cortiços e estalagens [...], infeccionados como se acham por suas condições sanitárias, são os focos principais donde surgem epidemias e nascem afecções mórbidas em ameaça constante aos moradores próximos.”⁴⁸

A vizinhança dos cortiços, muitas vezes, era composta por comerciantes que viviam em sobrados erguidos sobre suas casas

⁴⁷ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Biblioteca Zero Hora, 1998, p. 31.

⁴⁸ ARTHUR SAUER (dono da Companhia de Saneamento do Rio de Janeiro) apud Chalhoub, Sidney. op. cit., p. 53.

comerciais. O exemplo de Miranda, no texto de Azevedo, retrata a inquietação dessa nova elite frente ao crescimento desordenado deste fenômeno urbano:

O Miranda rebentava de raiva. — Um Cortiço! exclamava possesso. Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço debaixo das janelas!... Estragou-me a casa, o malvado. [...] E durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente, E ao lado o Miranda assustava-se, inquieto com aquela exuberância brutal de vida, aterrado defronte daquela floresta implacável que lhe crescia junto da casa, por debaixo das janelas, e cujas raízes, piores e mais grossas do que serpentes, minavam por toda parte, ameaçando rebentar o chão em torno dela, rachando o solo e abalando tudo.⁴⁹

A preocupação das elites dizia respeito não só à higiene, mas sobretudo à má fama e imagem que os cortiços representavam para o estrangeiro, prejudicando as transações comerciais e o turismo da cidade. Para esses novos comerciantes, a imagem era a alma do negócio. A prosperidade dos cortiços, a despeito dos esforços higienistas, preocupava aos que deles não obtinham lucro e arriscavam-se a ainda ter prejuízos.

A descrição, extremamente significativa do ponto de vista das descobertas científicas da época, sobre a fortaleza das raízes do cortiço, que minavam a terra ameaçando rebentar o chão, parece ser uma referência à falta de tato dos governantes e intelectuais para lidar com a proliferação das habitações coletivas, que tiravam-lhes não só o chão, mas o próprio sono. O crescimento desordenado da cidade e sobretudo das habitações coletivas, o aumento do número de desempregados e a degradação das condições higiênicas após a abolição e a República, rachavam o solo das possibilidades de civilização vislumbradas pelos intelectuais e abalava suas certezas.

⁴⁹ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Biblioteca Zero Hora, 1998, p. 21-23.

Mas a lógica rentista permanecia. A população pobre domiciliada nos cortiços tinha sua saúde em risco, mas na cidade pré-industrial o lucro rentista prevalecia sobre a dignidade humana. Os cortiços, embora insalubres, eram uma enorme fonte de renda, e muitas pessoas da alta sociedade dispunham-se a explorá-los. O próprio “Cabeça de Porco” — o maior do Rio de Janeiro — tinha por dono o Conde D’Eu. No romance de Azevedo, o enriquecimento da elite às custas da exploração dos pobres também é ressaltado:

Agora na mesma rua germinava outro cortiço ali perto, o “Cabeça de gato.” Figurava como seu dono um português que também tinha venda, mas o legítimo proprietário era um abastado conselheiro, homem de gravata lavada, a quem não convinha, por decoro social, aparecer em semelhante gênero de especulações.⁵⁰

A referência à “germinação” do cortiço confirma a influência da obra *O Germinal*, de E. Zola, sobre o trabalho de Azevedo. A “germinação,” acelerada pelo desencadeamento das relações capitalistas, estaria pondo em risco a imagem da nova elite, a qual o decoro social impedia de figurar como donos dos cortiços, mas a ganância por dinheiro não permitia abandonar a “mina de ouro.”

A especulação imobiliária nas áreas em que as reformas urbanas haviam melhorado a estrutura dos quarteirões, e o rápido crescimento demográfico da cidade só tendiam a piorar a situação, aumentando o poder de barganha dos corticeiros e deteriorando a qualidade de vida do pobre urbano, com menores possibilidades de passear pelos trechos remodelados: “[...] os preços do cômodos subiam, e muitos dos antigos hóspedes, italianos principalmente, iam, por economia, desertando para o Cabeça de Gato e sendo substituídos por gente mais limpa.”⁵¹

O vendeiro João Romão, do romance de Azevedo, tinha cons-

⁵⁰ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Biblioteca Zero Hora, 1998, p. 114.

⁵¹ *Ibidem*, p. 169 (grifo meu).

ciência da situação indecorosa que era figurar como dono do cortiço. À medida em que enriquecia, não mais lhe convinha a companhia da negra Bertoleza — de quem se livrará por meio da denúncia de sua fuga à polícia — e o convívio com os moradores do cortiço. Neste último caso, o incêndio do cortiço acaba por constituir-se em momento mítico, revelador da redenção do cortiço pelo fogo, permitindo a João Romão despejar quem não lhe convinha e construir sua tão sonhada estalagem.

Após uma primeira tentativa reprimida de incendiar o cortiço, uma moradora, tida como louca, consegue finalmente atingir seu objetivo. Mas apesar do fogo ter trazido grandes perdas para seus moradores, não atingiu o proprietário, chegando inclusive a beneficiá-lo:

O vendeiro, com efeito, impressionado com a primeira tentativa de incêndio, tratara de assegurar todas as suas propriedades; e, com tamanha inspiração o fez que, agora, em vez de lhe trazer o fogo prejuízo, até lhe deixava lucros. [...] — Vou reedificar tudo isto! declarou João Romão, com um gesto enérgico que abrangia toda aquela babilônia desmantelada. [...] Daí a dias, com efeito, a estalagem metia-se em obras. [...] O cortiço já não era o mesmo: estava muito diferente, mal dava idéia do que fora. O pátio, como João Romão prometera, estreitara-se com as edificações novas; agora parecia uma rua, todo calçado por igual e iluminado por três lâmpadas grandes, simetricamente dispostos. Fizeram-se seis latrinas, seis torneiras d'água e três banheiros. Desapareceram as pequenas hortas, os jardins [...] e os imensos depósitos de garrafas vazias. À esquerda, até onde acabava o prédio do Miranda, estendia-se um novo correr de casinhas de porta e janela, e daí por diante, acompanhando todo o lado do fundo e dobrando depois para a direita, e daí por diante, erguia-se um segundo andar [...]. De cento e tantos a numeração dos cômodos elevou-se a mais de quatrocentos. Poucos lugares havia desocupados.⁵²

⁵² AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Biblioteca Zero Hora, 1998, p. 145-146.

A exemplo do que acontecerá em *O Homem*,⁵³ neste trecho a loucura é retratada como um mal que aflige a população feminina brasileira. A velha louca atea fogo ao cortiço, mas desta vez a doença é tratada como algo benéfico para a sociedade. O incêndio do cortiço sugere uma dimensão mítica, providencial, de eliminação das “chagas da cidade.” Nesse sentido, a reforma que seria empreendida anos mais tarde, para construção da Estalagem de São Romão, simbolizaria o fogo redentor de Azevedo.

A reconstrução do cortiço é também significativa, uma vez que com ela podemos notar a diminuição dos espaços para circulação de ar e pessoas, bem como a supressão dos últimos espaços verdes que se prestavam à purificação do ambiente. A pouca presença de luz, natural e artificial, também sugere a propensão à promiscuidade, da mesma forma que a desproporção entre o número exorbitante de casinhas e o insignificante de banheiros, latrinas e torneiras.

A construção de seis torneiras e latrinas, e de três banheiros, também sugere a degradação das condições de habitabilidade nos cortiços, o que contribuía para a proliferação de doenças, fazendo com que os cortiços fossem alvo de constantes intervenções dos sanitaristas. A polícia também demonstrava preocupação com os cortiços, considerando-os um mal para a ordem pública, cenário de crimes e agitações, santuário de criminosos e escravos.

Possivelmente por este motivo, a presença da polícia nos cortiços era considerada uma desonra para os moradores. A instituição que deveria zelar pela ordem e proteger a população, representava para essa a mais terrível ameaça. E, a qualquer tentativa de intervenção policial, os moradores deixavam de lado suas diferenças para se unirem contra o “inimigo” comum:

Não entra! Não entra! [...] A polícia era o grande terror daquela gente, porque, sempre que penetrava em qualquer estalagem, ha-

⁵³ AZEVEDO, Aluísio. *O Homem*. São Paulo: Martins, 1959.

via grande estrupício: à capa de evitar e punir o jogo e a bebedeira, os urbanos invadiam os quartos, quebravam o que lá estava, punham tudo em polvorosa. Era uma questão de ódio velho.⁵⁴

A efervescência ideológica dos anos iniciais da República, as conflitantes propostas de cidadania, as incertezas quanto ao futuro e a presença do povo como platéia que assistia a tudo “bestializada,” estava longe de constituir-se no que os intelectuais haviam imaginado para o país. O caminho da civilização e progresso parecia sumir no horizonte, em meio à ignorância de governantes e governados. A república fora instaurada, mas à população não havia sido estendida à cidadania. E embora muitos policiais fossem também encortiçados, moradores de outros tipos de habitação popular, viravam-se contra seus compatriotas na defesa da cidade. Como se também eles não tivessem direito à ela.

A “revolução” do cortiço, promovida por João Romão, também pretendia acabar com as incursões da polícia e as brigas entre moradores. Supondo que estas últimas aconteciam sobretudo nos meios mais pobres, o comerciante tratou de substituir os moradores por “gente mais limpa”, física e moralmente. A redução do pátio e a extinção das tinas revelam alguns dos artifícios utilizados com vistas à concretização do desejo de “melhoria” do nível dos moradores.

Com a reforma do cortiço, também alguns de seus moradores são “reformados”, indo os antigos, por economia e falta de opção, morar no cortiço que surgira defronte do São Romão. O próprio autor sugere uma hierarquização entre os cortiços:

O Cabeça de Gato, à proporção em que o São Romão engrandecia, mais e mais ia-se rebaixando, acanalhando, fazendo-se cada vez mais torpe, mais abjeto, mais cortiço, vivendo satisfeito do lixo e da salsugem que o outro rejeitava [...].⁵⁵

⁵⁴ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Biblioteca Zero Hora, 1998, p. 99.

⁵⁵ *Ibidem*, p. 169.

A seleção dos moradores, também apontada pelo autor em *Casa de Pensão*, cada vez mais rigorosas devido às “melhoras” de algumas moradias, é minuciosamente descrita por Aluísio Azevedo, que retrata o perfil dos novos moradores do cortiço:

E como a casa comercial de João Romão, prosperava igualmente a sua avenida. Já lá não se admitia assim qualquer pé-rapado; para entrar era preciso carta de fiança e uma recomendação especial. [...] O preço dos cômodos subiram. [...] Decrescia também o número de lavadeiras, e a maior parte das casinhas eram ocupadas por famílias de operários, artistas e praticantes de secretaria. O cortiço aristocratizava-se.⁵⁶

A descrição segue retratando a substituição dos antigos moradores por alfaiates, costureiras, relojoeiros, pintores e cigarreiros. Além disso, o próprio dono do cortiço é descrito em sua “nova forma”: vestido de casimira, freqüentando uma confeitaria na Rua do Ouvidor e cortejando a filha do comendador. Mais uma vez Azevedo critica a reforma superficial e puramente estética que se tentava promover, alertando para a necessidade de modificação dos costumes, de “formação das almas.” Não só os costumes dos pobres, mas também de parte da burguesia que fechava os olhos aos problemas da cidade: “[...] somente D. Estela conservou inalterável a sua fria fisionomia de mulher que não dá verdadeira importância senão a si mesma.”⁵⁷

A identificação dos cortiços como focos geradores dos “germes” da febre amarela, de meios propícios às evoluções miasmáticas, revela grande significado político e simbólico. Na impossibilidade de transformação radical do espaço construído, a idéia era tentar “distrair” os miasmas através da abertura de ruas e avenidas mais largas, aterro de pântanos e demolição das habitações consideradas insalubres.

⁵⁶ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Biblioteca Zero Hora, 1998, 171 p.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 172.

Mas a proliferação dos cortiços à revelia da vontade das classes dirigentes, preocupava a Inspetoria de Higiene, que calculava que a população domiciliada nos cortiços em 1890 já representava o dobro da de 1888, ou seja, mais de 100000 habitantes. O aumento, certamente ligado à abolição, associado a um novo surto epidêmico, acarretou a intensificação das campanhas higienistas. Vários cortiços foram fechados e demolidos a partir de 1890, inclusive o “Cabeça de Porco”, destruído em 1893.

Para Sidney Chalhoub, a destruição do “Cabeça de Porco” marcou a decadência de uma era, uma vez que dramatizou o processo de erradicação dos cortiços cariocas, transformando-se no mito de origem de toda forma de conceber as diferenças sociais na cidade.⁵⁸ Domesticada politicamente, a Capital Federal precisava ser modificada em seus usos e costumes, tornando-se cartão postal da cidade, no qual não deveriam aparecer as imagens das “repúblicas dos cortiços,”⁵⁹ das “sentinas sociais.”⁶⁰

No entanto, a grande reforma urbana pela qual a cidade passaria, visando à modernização e higienização — que constariam nos manuais positivistas — a fim de tornar-se atraente para a elite e seus convidados estrangeiros, revelaria contradições profundas no seio da sociedade carioca. A escassez de habitação para o pobre urbano foi agudizada pela construção das grandes avenidas, que fez subir aluguéis, superlotou cômodos e deteriorou consequentemente ainda mais as condições higiênicas, adiando o sonho de construção da nossa *Paris tropical*.

Na virada do século, ao lado das habitações coletivas, erguia-se outra modalidade de habitação popular, a “dois passos da Grande Avenida:” a favela. O Morro da Providência recebeu esse

⁵⁸ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. op. cit., p. 17.

⁵⁹ CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 39 p.

⁶⁰ Barata Ribeiro sobre a necessidade de erradicação dos cortiços a fim de não deixar provas de sua existência aos vindouros apud CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. op. cit., p. 29.

nome quando nele começaram a se instalar os soldados regressos da guerra de Canudos, no sertão nordestino, onde as flores de nome “favela” chamavam atenção em meio à aridez da paisagem.

Na Capital Federal, ao contrário, as favelas é que revelavam a aridez que comprometia o alcance da civilização:

Para ali vão os pobres, os mais necessitados, aqueles que, pagando duramente alguns palmos de terreno, adquirem o direito de escavar as encostas do morro e fincar com quatro mourões os pilares de seu palacete... Ali não moram apenas os desordeiros, os facínoras, como a lenda (que já tem a favela) espalhou; ali moram também operários laboriosos que a falta ou a carestia dos cômodos atira para esses lugares altos.⁶¹

O recém criado “cartão postal” carioca, síntese das contradições da modernização excludente que teve lugar na capital federal, revelava já o preconceito e discriminação que haveria de persistir com relação aos pobres urbanos que, da senzala, passando pelos cortiços, pensões e estalagens até chegar às “modernas” favelas, tiveram poucas melhoras no tocante às melhorias estruturais e higiênicas de suas moradias.

A modernização excludente pela qual passou o Rio de Janeiro em fins do século XIX, desnudava uma contradição que lhe haveria de custar caro no futuro. Se “[...] cada cidade recebe a forma de deserto a que se opõe [...]”⁶² a perseguição e demolição dos cortiços pelas autoridades não isentou a cidade de seus “representantes” modernos. A destruição dos supostos “ícones do atraso”, para construção da cidade civilizada que rumava ao progresso e deslumbrava as elites, deixou milhares de trabalhadores sem casa e outros tantos em habitações cada vez mais precárias e insalubres.

⁶¹ BAKCHEUSER. op. cit., apud. BENCHIMOL, Jaime Larry. op. cit., p. 291.

⁶² CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 88 p.

As tentativas de transformação do “país das maravilhas” através da “cidade maravilhosa”, seu cartão de visitas, acabaria oferecendo condições para a criação das favelas. Favelas que no futuro sintetizariam a cidade do Rio de Janeiro, para muitos visitantes estrangeiros e para os novos ricos — que almejam, como João Romão, personagem do romance de Azevedo, esquecer suas origens apenas trocando de roupa —, muito mais que a Avenida Central, reproduzindo condições de higiene, senão piores, iguais às dos cortiços.

Sendo símbolo e realidade em que se condensam as forças do progresso a “nova avenida” não conseguiu lidar com as ambigüidades decorrentes da modernidade, revelando (como na metáfora de Baudelaire⁶³ sobre a dupla dimensão do belo) no reflexo das vitrines do fetiche, o avesso da memória carioca que se queria preservar e da identidade nacional que se almejava construir: a pobreza, a desigualdade, enfim, a modernização excludente eternizada nos morros.

Referências

ABREU, Maurício de Almeida Abreu. O Espaço de Construção do Espaço suburbano do Rio de Janeiro (1870-1930). *Espaço e Debates*, 1987.

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Biblioteca Zero Hora, 1998. (Coleção ZH). (1ª edição: 1890).

_____. *O Homem*. São Paulo: Martins, 1959.

_____. *Casa de Pensão*. 12ª edição. São Paulo: Ática, 1999. (1ª ed. 1884).

_____. *O Livro de uma Sogra*. São Paulo: Martins editora, 1959. (Obras Completas de Aluísio Azevedo).

⁶³ BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 9-11 (Coleção Leitura).

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. 4. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Hausmann Tropical*. A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XIX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, 1992. (Coleção Biblioteca Carioca, Volume II).

BENCHIMOL, Jaime Larry. Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida (orgs.). *O Tempo do Liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano, 3).

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação as Almas*. O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, passim.

_____. *Os Bestializados*. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. (org) *A História Contada*. Capítulos de História Social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

HAHNER, June E. *Pobreza e política: os pobres urbanos no Brasil: 1870-1920*. Trad.: Cecy Ramires Maduro. Brasília: UnB, 1993.

MÉRIAN, Jean-Yves. *Alúísio Azevedo, vida e obra: (1857-1913) o verdadeiro Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, Banco Sudameris-Brasil: Brasília: INL, 1988.

NEVES, Margarida de Souza. *Os cenários da República*. O Brasil na virada do século XIX para o XX. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida. (orgs.). *O Tempo do Liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano, 3).

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas do Rio de Janeiro Imperial*. Campinas: São Paulo: Unicamp, 2001.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.